Mercado climático volta com força total

Os relatórios da nova safra norte-americana passam a influenciar fortemente o mercado mundial, havendo ainda dúvidas sobre as reavaliações das safras argentina e brasileira.

A Bolsa de Chicago terminou o mês de março ainda com fortes altas espasmódicas nos preços da soja, em sua última semana. Divulgavam-se os bons resultados das exportações dos EUA e se esperava a confirmação de menores safras de milho e de soja na Argentina. A partir da divulgação de que a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) reestimou a safra brasileira para o limite máximo de 27,5 milhões de toneladas, diversos fundos de investimento começaram a liquidar suas posições. Também abalou as cotações o fato de Formosa, segundo maior importador de soja e terceiro de milho norte-americano, ter anunciado que uma epidemia de peste suína o levará a reduzir seu rebanho, tendo logo cancelado compras dos dois produtos nos EUA.

Tendências do comércio brasileiro

A comercialização no Brasil evoluiu rapidamente, para aproveitar as cotações, conforme recomendaram os analistas do setor, pois logo viriam os relatórios do Departamento de Agricultura norte-americano (USDA) com as novas estimativas da próxima safra norte-americana. No Paraná, os preços chegaram a R$16,50/saca de 60kg.

Março terminou com exportações de 852 mil toneladas de soja em grão, 44% superiores ao verificado no mesmo mês de 1996. O farelo registrou vendas ao exterior de 817 mil toneladas, 45% acima das 564 mil de um ano antes, e o óleo aumentou as vendas externas em 84%, passando de 50 mil toneladas para 92 mil no mesmo período. Toda essa movimentação provocou grande congestionamento nos portos, fato também aproveitado como fator de sustentação em Chicago, onde são conhecidas as deficiências estruturais do sistema de escoamento de safras do Brasil.

Em abril, como os argentinos confirmaram as perdas em sua safra, devido à seca nas regiões produtoras das províncias de Santa Fé, Córdoba e Buenos Aires, surgiu novo elemento de apoio. A Secretaria de Agricultura (ministério) daquele país reduziu em 1,3%, para 55,48 milhões de toneladas, a estimativa da atual safra de grãos. Para a soja, o cálculo é de 13,55 milhões de toneladas; entidades de produtores no entanto acreditam ser mais plausível colherem-se entre 12 e 12,5 milhões. No início do mês, tinham sido colhidos em torno de 10% da safra. A colheita deverá terminar até o princípio de junho.

Os fatores baixistas ganharam força, na mesma época, porém, tanto devido à certeza da grande produção brasileira quanto ao fato de os exportadores brasileiros terem conseguido vender soja em grão para os EUA. Embora a estiagem no Rio Grande do Sul fosse um indicador seguro de algum desfalque na produção brasileira (efetivamente representado pela reestimativa feita pela Fecotrigo, diminuindo a produção em 790 mil toneladas, para 5,7 milhões de toneladas, com rendimento físico médio de 1.470kg/ha, quando se esperavam, no início da safra, 1.970 kg/ha), o USDA sustenta sua estimativa de 27 milhões de toneladas.

A forte presença do Brasil no mercado influenciou o desempenho norte-americano. Segundo a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas (Nopa), na virada do mês (março/abril) o esmagamento de soja norte-americano retraiu-se 1,2% e, no caso do farelo, enquanto o mercado esperava registro de exportações entre 100 mil e 150 mil toneladas, estas ficaram em apenas 65,4 mil.

No relatório de 11 de abril, o Departamento de Agricultura dos EUA apresentou estoques finais de soja de 3,4 milhões de toneladas naquele país (11% abaixo do número de março) e de 15,9 milhões em nível mundial, 8,3% abaixo do atingido na safra 1995/96 (17,3 milhões de toneladas). No caso norte-americano, são os mais baixos em duas décadas e asseguram desenvolvimento favorável para o mercado.

Contudo, a baixa prosseguiu, apesar dos fundamentos altistas, em razão da liquidação das posições dos fundos de investimento. Talvez seja conservadora a avaliação do esmagamento de soja norte-americano (38,65 milhões de toneladas), pois a demanda permanece firme e foi ignorada a revisão a menor feita pelos gaúchos em sua estimativa de produção. Curiosamente, aceitou-se uma safra argentina 1,8% menor, passando a 13,25 milhões de toneladas, ainda superior ao esperado pelos agricultores locais.

Os relatórios sobre o Brasil ainda espelharão o problema. Até meados de abril, o Rio Grande do Sul tinha colhido 55% da safra e se esperava que o restante apresentasse desempenho mais fraco do que o dos primeiros campos colhidos.

Em termos de surpresas nas estatísticas internacionais, aliás, o USDA já tinha brindado o mundo com seu tradicional relatório sobre intenções de plantio, dado a público em 31 de março. Era esperado que houvesse aumento de área, mas os 7% anunciados (de 25,98 milhões de hectares, em 1996, para 27,84 milhões) foram considerados um exagero. O mercado considerava possível uma ampliação da área de cultivo de até 3% e o dado oficial adiciona mais 1,2 milhão de hectares (a pesquisa cobriu 29 estados norte-americanos).

Caso o país venha a plantar realmente mais de 27 milhões de hectares, poderá colher outra safra inédita, a partir de setembro, com cerca de 71,2 milhões de toneladas, e a expectativa

Mundo — produção de grãos

1995/96 e 1996/97 — em milhões de t e variação %

	Produção			Estoques		
	1995/96 (a)	1996/97 (b)	a/b	1995/96 (c)	1996/97 (d)	c/d
Total[1]	1.708,37	1.854,66	8,56	248,87	269,73	8,38
Trigo	538,37	581,56	8,02	105,55	108,34	2,64
Arroz	371,59	376,90	1,42	50,43	51,29	1,71
Forrageiros[2]	798,41	896,20	12,25	92,89	110,10	18,53
Milho	515,69	584,84	13,41	64,07	75,53	17,89
Soja grão	124,76	133,69	7,16	17,29	15,86	-8,27
Farelo	88,94	90,83	2,12	3,54	3,37	-4,80
Óleo	20,14	20,43	1,44	2,36	2,23	-5,51
Algodão[3]	92,17	88,12	-4,39	35,68	37,85	6,08

[1] Total do trigo, grãos forrageiros e arroz.
[2] Arroz, aveia, centeio, cevada, milho e sorgo.
[3] Medido em milhões de fardos de 480 libras-peso.
Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA.

quanto a essa possibilidade deprimirá os preços da nova safra.

A safra brasileira, portanto, beneficiou-se do primeiro momento — e poderá ainda aproveitar momentos propícios — em que os preços da produção de 1996 permaneceram pressionados, mas o mercado externo volta a ter forte configuração de *climático*, acompanhando os acontecimentos meteorológicos na América do Norte, influenciadores de possível troca de milho pela soja, levando a ampliar ainda mais sua extensão semeada.

A colheita brasileira teve ritmo mais vagaroso até meados de abril, pois as chuvas perturbaram o trabalho nos estados centrais e na Bahia. Em linhas gerais, contudo, prossegue-se com adiantamento relativamente a anos anteriores, e fontes dos estados calculam cerca de metade da área total da sojicultura já colhida.

Mesmo as perdas das lavouras gaúchas não deverão ter impacto maior sobre a receita de exportações do complexo da soja. Até fins de março, os registros de exportações tinham superado o total exportado em 1996 (3,6 milhões de toneladas de soja em grão). Segundo a Abiove, a estimativa das exportações do grão, em 1997, foi revisada também, passando de 6,5 milhões de toneladas para 7 milhões, mas as importações crescerão 36,4%, ficando em 1,5 milhão de toneladas.

O esmagamento, porém, deverá cair pelo terceiro ano consecutivo, ficando em 19,8 milhões de toneladas, no ano comercial de 1997/98, menos 1,5% ante o registrado em 1996/97. Isso levará a uma exportação de farelo de 10,3 milhões de toneladas (5,5% menor).

No segundo semestre, quando a safra dos EUA terá enorme influência, positiva ou negativa, o mercado interno estará atuando de modo positivo, pelo que se pode inferir da atividade da suinocultura e, em especial, da avicultura, cujas exportações crescem aceleradamente.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

MILHO

Contratos de opção — cresce o interesse

Entre os instrumentos de comercialização disponibilizados pelo governo para garantir a sustentação dos preços do milho, o destaque ficou por conta do lançamento dos contratos de opção, instrumento inédito de comercialização agrícola, com a função precípua de substituir o modelo de preços mínimos até então vigente e com o qual os produtores já tinham grande intimidade. As próprias autoridades admitiram que o novo instrumento derivou da virtual falência da política de garantia de preços mínimos, por conta da crescente escassez de recursos governamentais.

Não se pode dizer que o primeiro trimestre do ano tenha sido carente de acontecimentos muito importantes para o mercado interno do milho. Afinal, conforme apontado em *Agroanalysis* (mar. 1997) tratou-se de período em que as autoridades governamentais se esforçaram no intuito de prover os agentes deste segmento de uma série de instrumentos de comercialização voltados para a sustentação dos preços do produto. Dentro deste conjunto de medidas, o destaque ficou por con-